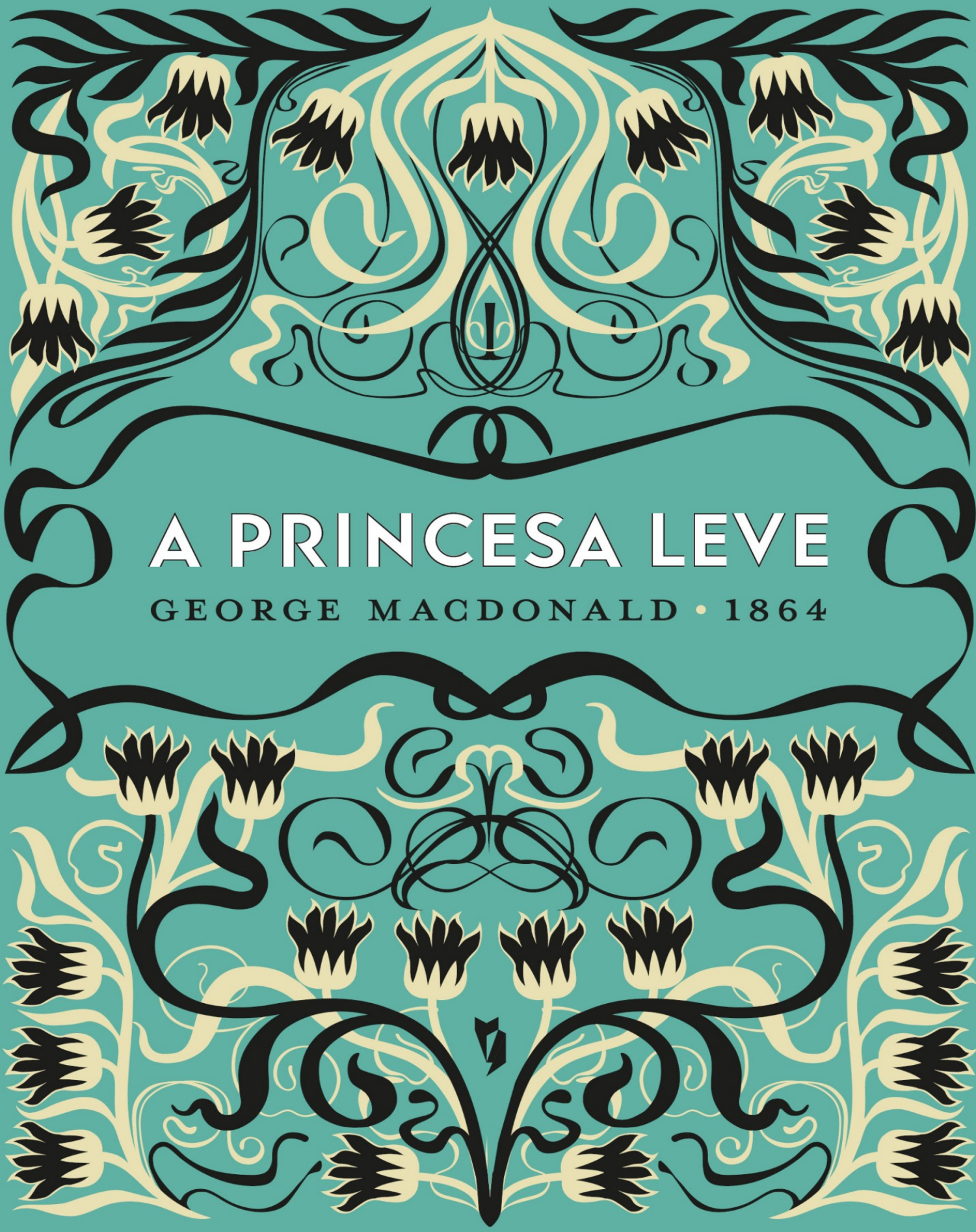


# A PRINCESA LEVE

GEORGE MACDONALD • 1864

UMA NOVELETA ESPECIAL | THE LIGHT PRINCESS

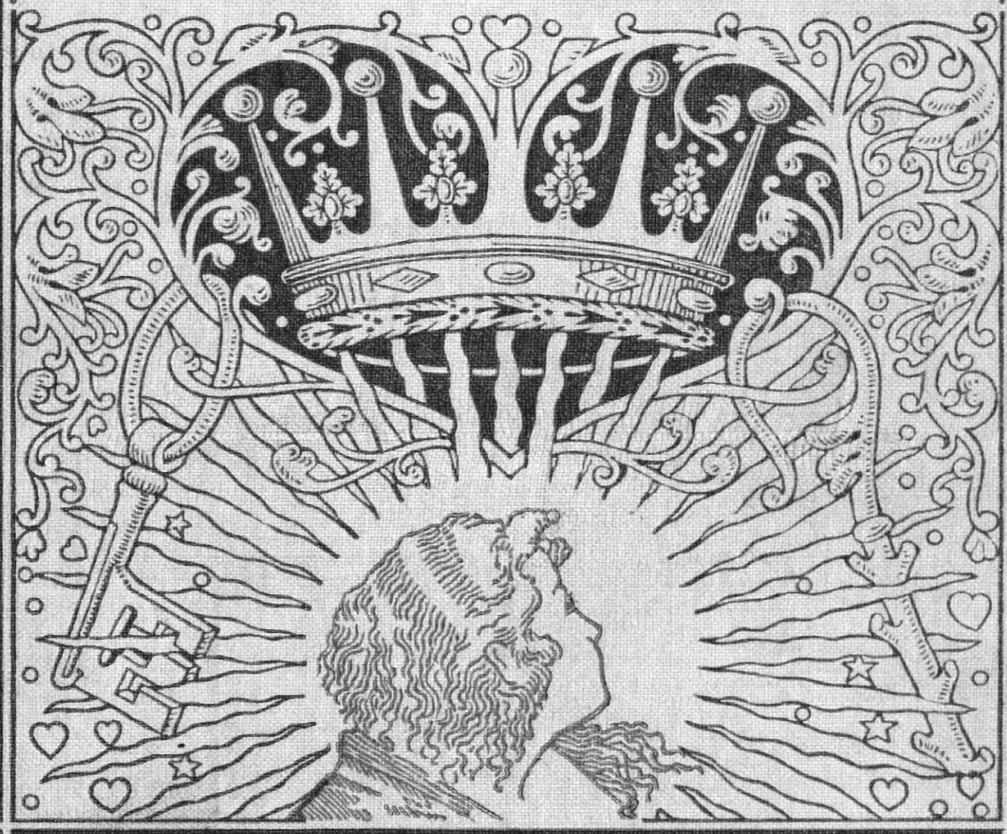


# The Light Princess

AND

# Other Fairy Tales

George MacDonald



*The Light Princess* George MacDonald 1864

**Capa e Projeto Gráfico** Marina Avila
**Tradução** Cláudia Mello Belhassof
**Preparação** Milena Vargas
**Revisão** Karine Ribeiro e Úrsula Antunes

Índice para catálogo sistemático: 1. Contos de fadas 398.2 2.




**Editora Wish**

www.editorawish.com.br
**São Caetano do Sul - SP - Brasil**

Este livro possui direitos de tradução e projeto gráfico e não pode ser distribuído, de forma comercial ou gratuita, ao todo ou parcialmente, sem a prévia autorização da editora.

**Importante:**

Esta edição digital não inclui as ilustrações presentes na versão física.

# Sumário


**A Princesa Leve**

I. O quê? Sem filhos?

II. Não vou e pronto?

III. Ela não pode ser nossa

IV. Onde ela está?

V. O que pode ser feito?

VI. Ela ri demais

VII. Experimente a metafísica

VIII. Experimente uma gota d'água

IX. Deixe-me entrar de novo

X. Olhe para a lua

XI. Sibilo!

XII. Onde está o príncipe?

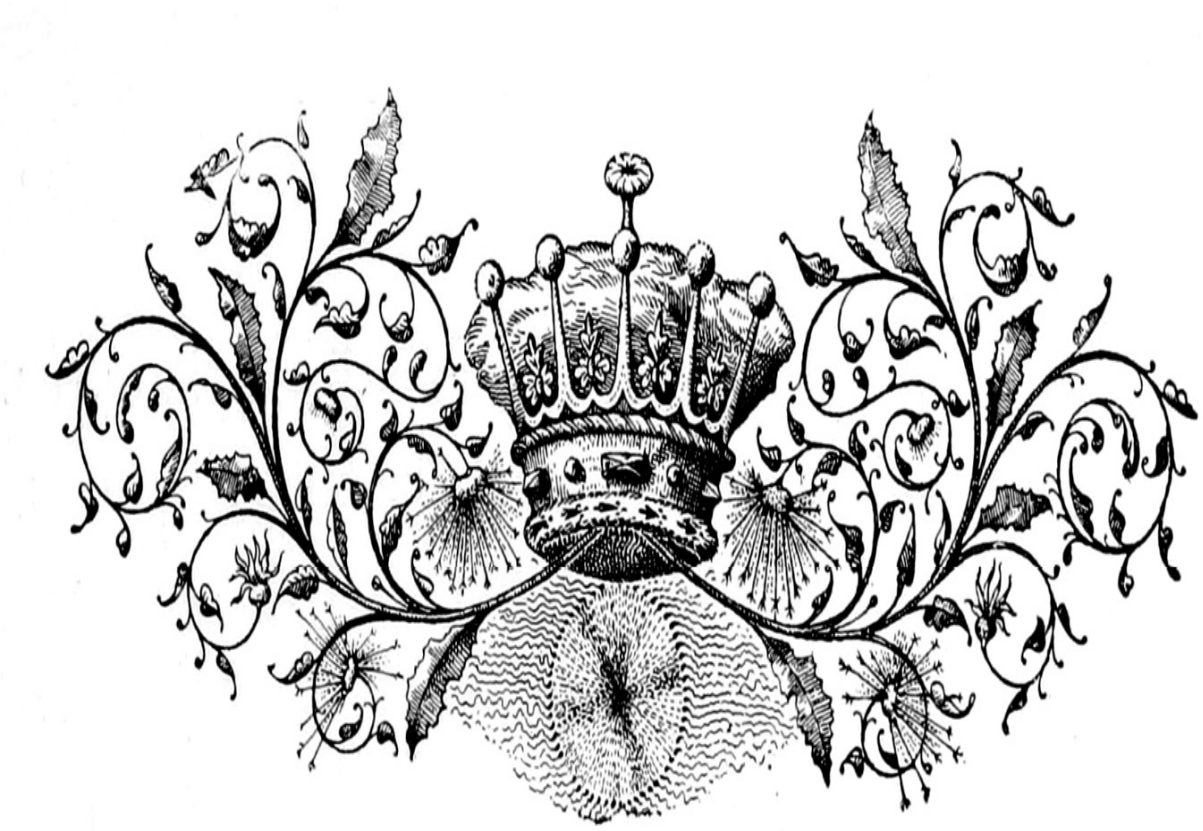
XIII. Aqui estou

XIV. É muita gentileza sua

XV. Olhe para a chuva!

# A Princesa Leve

*George MacDonald*



# I. O quê? Sem filhos?

Era uma vez, tanto tempo atrás que já me esqueci da data, um rei e uma rainha que não tinham filhos.

E o rei disse para si mesmo:

— Todas as rainhas que conheço têm filhos, umas têm três, algumas têm sete e outras têm até doze; e minha rainha não tem nem um. Eu me sinto mal aproveitado. — Assim, decidiu ficar zangado com a esposa por isso. Mas ela aceitou tudo, como boa rainha paciente que era. Só que o rei ficou muito zangado de verdade. Mas a rainha fingiu entender tudo como piada, e uma muito boa.

— Por que você não tem pelo menos uma filha? — indagou ele. — Nem digo filhos; pode ser esperar demais.

— Com certeza, querido rei, sinto muito — disse a rainha.

— Tem que sentir muito mesmo — retrucou o rei. — Você não vai fazer disso uma virtude, é claro.

Mas ele não era um rei mal-humorado e, em pouco tempo, teria permitido, com todo o seu coração, que a rainha fizesse o que queria. Esse, no entanto, era um assunto de estado.

A rainha sorriu.

— Você precisa ter paciência com uma dama, sabe, querido rei — comentou ela.

Ela realmente era de fato uma rainha muito boa e estava muito infeliz por não poder obedecer imediatamente ao rei.

# II. Não vou e pronto?

O rei tentou ter paciência, mas fracassou terrivelmente. Foi mais do que ele merecia, portanto, quando, por fim, a rainha lhe deu uma filha — a princesinha mais adorável que já havia chorado.

Aproximou-se o dia em que a criança precisava ser batizada. O rei escreveu todos os convites à mão. Claro que alguém foi esquecido. Mas em geral não importa se alguém é esquecido, contanto que você saiba quem foi. Infelizmente, o rei se esqueceu sem intenção de esquecer; e assim a sorte caiu sobre a Princesa Makemnoit, o que foi constrangedor. A princesa era irmã do rei; e ele não podia ter se esquecido dela. Mas ela fora tão desagradável com o velho rei, pai dos dois, que ele se esquecera de incluí-la no seu testamento; e, assim, não era nenhum espanto o irmão ter se esquecido dela ao redigir os convites. Mas relacionamentos ruins não ajudam ninguém a se lembrar deles. Por que não? O rei não via a água-furtada em que ela morava, não é?

Ela era uma criatura amarga e vingativa. As rugas de desdém se cruzavam com as de impertinência, e seu rosto estava cheio delas, como um maracujá. Se um rei algum dia teve uma justificativa para se esquecer de alguém, este rei tinha uma desculpa para se esquecer da irmã, até mesmo num batizado. Ela também tinha uma aparência muito esquisita. Sua testa era tão larga quanto o resto do rosto e se projetava sobre ele como um precipício. Quando ela sentia raiva, seus olhos ficavam azuis. Quando odiava alguém, eles brilhavam em amarelo e verde. Não sei como ficavam quando ela amava alguém, pois nunca ouvi falar que tivesse amado alguém além de si mesma; e acho que ela não conseguiria nem isso, se não tivesse se acostumado a quem era. Mas o que tornava muito imprudente o rei ter se esquecido dela era o fato de ela ser extremamente inteligente. Na verdade, ela era uma bruxa, e, quando enfeitiçava alguém, a pessoa logo perdia a paciência, pois ela superava a maldade de todas as fadas malvadas e a inteligência

de todas as inteligentes. Ela desprezava todos os costumes sobre os quais lemos na história, em que fadas e bruxas ofendidas se vingam; portanto, depois de esperar e esperar em vão por um convite, ela finalmente decidiu ir sem ser convidada e deixar a família toda infeliz, como a princesa que era.

E assim ela colocou seu melhor vestido, se dirigiu ao palácio, foi gentilmente recebida pelo monarca feliz, que se esqueceu que tinha se esquecido dela, e assumiu seu lugar na procissão até a capela real. Quando estavam todos reunidos ao redor da fonte, ela conseguiu se aproximar e jogar alguma coisa na água; depois disso, manteve uma atitude muito respeitosa até a água ser salpicada no rosto da criança. Mas, naquele instante, ela girou três vezes no mesmo lugar e murmurou as seguintes palavras, alto o suficiente para quem estivesse ao lado escutar:

“De espírito leve pela minha magia

Corpo leve, e nada mais

Qualquer braço humano a carregaria

Mas vai destruir o coração dos pais!”

Todos acharam que ela havia perdido o juízo e estava repetindo uma rima infantil; mas, apesar disso, um calafrio percorreu todas as pessoas. A bebê, por outro lado, começou a rir e gargalhar; enquanto isso, a ama-seca levou um susto e soltou um grito abafado, pois pensou que tinha sofrido uma paralisia: não conseguia sentir a bebê nos próprios braços. Mas ela a segurou com força e não disse nada. A maldade estava feita.

# III. Ela não pode ser nossa

A tia abominável tinha despojado a criança de toda a sua gravidade. Se você me perguntar como isso foi feito, respondo: “Do jeito mais fácil do mundo. Ela só precisou destruir a força da gravidade.” Pois a princesa era filósofa e conhecia todos os detalhes das leis da gravidade tão bem quanto os detalhes do cadarço da sua bota. E, sendo também bruxa, ela conseguia revogar essas leis em um instante; ou, pelo menos, atravancar suas rodas e enferrujar seu senso de orientação, de modo que não funcionassem de jeito nenhum. Mas temos mais a falar sobre o que se seguiu do que sobre como foi feito.

O primeiro constrangimento que resultou dessa privação infeliz foi que, no instante em que a ama-seca começou a balançar a bebê para cima e para baixo, a princesa voou dos seus braços para o teto. Felizmente, a resistência do ar fez seu percurso ascendente ser interrompido a menos de trinta centímetros do teto. E ali ela ficou, horizontal como quando saiu dos braços da ama-seca, chutando e rindo maravilhada. A ama-seca, apavorada, disparou até o sino e implorou ao lacaio, que respondeu ao toque, para que ele levasse uma escada imediatamente até ela. Com todos os membros tremendo, ela subiu a escada e teve que ir até o degrau mais alto e esticar os braços para conseguir pegar a cauda flutuante das compridas roupas da bebê.

Quando o estranho fato se tornou conhecido, houve uma comoção terrível no palácio. A ocasião da descoberta disso pelo rei naturalmente foi uma repetição da experiência da ama-seca. Impressionado por não sentir nenhum peso quando a criança estava nos seus braços, ele começou a balançá-la para cima, e não para baixo, pois ela ascendeu lentamente ao teto como antes, e lá ficou flutuando em conforto e satisfação perfeitos, como atestava o ruído de sua risadinha. O rei ficou em pé, olhando para cima num assombro mudo, e tremeu tanto que a barba parecia grama sob o

vento. Por fim, virando-se para a rainha, que estava tão aterrorizada quanto ele, disse, ofegando, encarando e gaguejando:

— Ela não pode ser nossa, rainha!

Ora, a rainha era muito mais esperta do que o rei e já tinha começado a suspeitar que “esse efeito defeituoso tem sua causa”.

— Tenho certeza de que ela é nossa — respondeu a rainha. — Mas devíamos ter tomado mais cuidado com ela no batizado. Pessoas que não foram convidadas não deveriam estar presentes.

— Ó! — disse o rei, batendo com o dedo indicador na testa. — Já entendi tudo. Descobri. Você não está vendo, rainha? A Princesa Makemnoit a enfeitiçou.

— Foi o que eu acabei de dizer — respondeu a rainha.

— Peço perdão, meu amor; não ouvi. John! Traga a escadinha que uso para subir ao trono.

Pois ele era um rei baixinho com um trono grande, como muitos outros reis.

A escadinha do trono foi levada e colocada sobre a mesa de jantar, e John subiu os degraus até o último. Mas não conseguiu alcançar a princesinha, que estava deitada no ar como uma nuvem de risadas de bebê, explodindo continuamente.

— Pegue a pinça, John — disse Sua Majestade; e, subindo na mesa, entregou a ele.

John agora conseguia alcançar a bebê, e a princesinha foi puxada para baixo com a pinça.

# IV. Onde ela está?

Num belo dia de verão, um mês depois dessas primeiras aventuras, durante o qual ela fora observada com muito cuidado, a princesa estava deitada na cama nos aposentos da rainha, dormindo profundamente. Uma das janelas estava aberta, pois era meio-dia, e o dia estava tão sufocante que a menininha não estava enrolada em nada menos etéreo do que o próprio sono. A rainha entrou no aposento e, sem ver que a bebê estava na cama, abriu outra janela. Um vento traquinas de fadas, que estava procurando uma chance de fazer uma travessura, entrou disparado por uma janela e, seguindo até a cama onde a criança estava deitada, pegou-a e, rolando e flutuando com ela como uma chaminé ou uma semente de dente-de-leão, carregou-a para longe pela janela oposta. A rainha desceu, ignorando a perda que ela mesma havia causado.

Quando a ama-seca retornou, supôs que Sua Majestade a tinha carregado e, temendo ser repreendida, demorou a perguntar por ela. Mas, sem ouvir nada, ficou inquieta e foi até o boudoir da rainha, onde encontrou Sua Majestade.

— Por favor, Vossa Majestade, devo levar a bebê? — indagou.

— Onde ela está? — perguntou a rainha.

— Por favor, me perdoe. Eu sei que foi errado.

— O que você quer dizer? — indagou a rainha, parecendo séria.

— Ah! Não me assuste, Vossa Majestade! — exclamou a ama-seca, entrelaçando as mãos.

A rainha viu que alguma coisa estava errada e caiu desmaiada. A ama-seca correu pelo palácio, gritando:

— Meu bebê! Meu bebê!

Todos correram até o quarto da rainha. Mas a rainha não conseguia dar nenhuma ordem. Eles logo descobriram, no entanto, que a princesa havia desaparecido e, num instante, o palácio parecia uma colmeia no jardim; e em um minuto a rainha caiu em si ouvindo um grito alto e palmas. Eles tinham encontrado a princesa profundamente adormecida sob um arbusto de rosas, ao qual o travesso sopro de vento a tinha carregado, terminando a traquinagem ao sacudir o arbusto e provocar uma chuva de pétalas de rosas vermelhas sobre a pequena dorminhoca. Assustada com o barulho que os serviçais faziam, ela acordou e, empolgada com a alegria, espalhou as pétalas de rosas em todas as direções, como uma chuva de pétalas no poente.

Depois disso, ela foi vigiada mais de perto, sem dúvida; mas seria impossível relatar todos os incidentes esquisitos resultantes dessa peculiaridade da jovem princesa. No entanto, nunca houve um bebê numa casa, muito menos num palácio, que mantivesse o lar num bom humor tão constante, pelo menos entre os serviçais. Não era fácil as amas-secas a segurarem, mas ela não provocava dor nos braços nem nos corações delas. E era tão divertido jogar bola com ela! Não havia o menor perigo de deixá-la cair. Elas podiam jogá-la para baixo, arremessá-la para baixo, empurrá-la para baixo, mas não conseguiam fazê-la descer. É verdade que havia a possibilidade de deixá-la voar até o fogo ou a chaminé ou janela afora; mas nenhum desses acidentes acontecera até agora. Se você ouvisse risadinhas ressoando de um ponto desconhecido, podia ter certeza do motivo. Ao entrar na cozinha ou no quarto, era possível encontrar Jane e Thomas, e Robert e Susan, todos juntos, jogando bola com a pequena princesa. Ela mesma era a bola e não deixava de gostar do jogo por isso. Lá ia ela, voando de um para o outro, dando risadas agudas. E os serviçais amavam a bola ainda mais do que o jogo. Mas eles tinham que tomar algum cuidado quando a jogavam, porque, se ela fosse jogada para cima, nunca mais desceria sem ser puxada.

# V. O que pode ser feito?

Mas na realeza era diferente. Certo dia, por exemplo, depois do café da manhã, o rei foi para sua sala de contagem e contou seu dinheiro. A operação não lhe dava nenhum prazer.

— E pensar — disse para si mesmo — que todas essas moedas de ouro pesam sete gramas e minha princesa real, viva, de carne e osso, não pesa nada!

E ele odiava as moedas de ouro, pousadas ali com um sorriso largo de satisfação nos rostos amarelos.

A rainha estava no salão, comendo pão e mel. Mas, na segunda mordida, ela caiu no choro e não conseguiu engolir.

O rei ouviu seus soluços. Feliz por ter alguém, mas especialmente sua rainha, com quem discutir, ele jogou as moedas de ouro na caixa de dinheiro, colocou a coroa na cabeça e correu até o salão.

— O que está acontecendo?! — exclamou ele. — Por que você está chorando, rainha?

— Não consigo comer — respondeu a rainha, olhando de um jeito deplorável para o pote de mel.

— Não admira! — retrucou o rei. — Você acabou de comer o café da manhã: dois ovos de peru e três anchovas.

— Ah, não é isso! — soluçou Sua Majestade. — É minha filha, minha filha!

— Ora, o que aconteceu com sua filha? Ela não está na chaminé nem no fundo do poço. Ouça a risada dela.

Mas o rei não conseguiu evitar um suspiro, que tentou transformar numa tosse, dizendo:

— É bom ter o coração leve, tenho certeza, seja ela nossa ou não.

— É ruim ter a cabeça leve — respondeu a rainha, olhando com a alma profética para o futuro longínquo.

— É bom ter a mão leve — disse o rei.

— É ruim ter os dedos leves — respondeu a rainha.

— É bom ter os pés leves — disse o rei.

— É ruim ter… — começou a rainha, mas o rei a interrompeu.

— Na verdade — disse ele, com o tom de alguém que conclui uma discussão na qual teve apenas oponentes imaginários e da qual, portanto, saiu triunfante —, na verdade, é muito bom ter o corpo leve.

— Mas é muito ruim ter a mente leve — retrucou a rainha, que estava começando a perder a calma.

A última resposta frustrou Sua Majestade, que se virou e retornou para a sala de contagem. Mas ele não estava nem na metade do caminho quando a voz da rainha o alcançou.

— E é ruim ter a orelha leve — gritou ela, determinada a ter a última palavra, agora que seu mau humor tinha sido despertado.

Ora, todos sabiam que o rei odiava todas as observações espirituosas, especialmente os trocadilhos. Além do mais, ele não conseguiu distinguir se a rainha tinha falado orelha leve ou herdeira leve, porque ela costumava trocar as letras quando estava irritada.

Ele se virou de novo e voltou até ela. A rainha ainda parecia irritada, porque sabia que era culpada ou sabia que ELE achava isso, o que dava no mesmo.

— Minha querida rainha — disse ele —, todo tipo de duplicidade é excessivamente repreensível entre pessoas casadas de qualquer posição, ainda mais entre reis e rainhas; e a forma mais repreensível que a duplicidade pode assumir é a dos trocadilhos.

— Pronto! — disse a rainha. — Não fiz uma piada, mas a interrompi no meio do caminho. Sou a mulher mais infeliz do mundo!

Ela parecia tão deplorável que o rei a abraçou; e eles se sentaram para conversar.

— Você consegue aguentar isso? — perguntou o rei.

— Não — respondeu a rainha.

— Bem, o que se pode fazer? — indagou o rei.

— Tenho certeza de que não sei — disse a rainha. — Mas você não pode tentar pedir desculpas?

— À minha irmã mais velha, imagino que seja sua intenção? — perguntou o rei.

— Sim — disse a rainha.

— Bem, eu não me importo — disse o rei.

E assim, na manhã seguinte, ele foi até a casa da princesa e, fazendo um pedido de desculpas muito humilde, implorou que ela desfizesse o feitiço. Mas a princesa declarou, com o rosto sério, que não sabia nada sobre aquilo. Seus olhos, no entanto, brilharam cor-de-rosa, um sinal de que ela estava feliz. Ela aconselhou o rei e a rainha a terem paciência e a se corrigirem. O rei voltou desconsolado. A rainha tentou consolá-lo.

— Vamos esperar até ela crescer. Ela mesma pode ser capaz de sugerir alguma coisa. Pelo menos ela vai saber como se sente e nos explicar as coisas.

— Mas e se ela se casar? — exclamou o rei, numa súbita consternação com a ideia.

— O que tem? — retrucou a rainha.

— Pense bem! Se ela tiver filhos! Daqui a cem anos o ar pode estar tão cheio de crianças flutuantes quanto de teias de aranha no outono.

— Isso não é da nossa conta — respondeu a rainha. — Além do mais, até lá, elas vão ter aprendido a tomar conta de si mesmas.

Um suspiro foi a única resposta do rei.

Ele poderia ter consultado os médicos da corte; mas tinha medo de eles fazerem experimentos com ela.

# VI. Ela ri demais

Enquanto isso, apesar das ocorrências desastradas e das tristezas que ela provocava nos pais, a pequena princesa ria e crescia — não gorda, mas rechonchuda e alta. Ela chegou aos dezessete anos sem ter caído em nenhuma desgraça pior do que uma chaminé; quando a resgataram dali, um filhote de pássaro no ninho conquistou fama e uma cara preta. Por mais que fosse imprudente, ela também não havia cometido nada pior do que rir para tudo e para todos que apareciam no seu caminho. Quando lhe disseram, para testar, que o general Clanrunfort tinha sido esquartejado com seus soldados, ela riu; quando ouviu que o inimigo estava a caminho para sitiar a capital do papai, ela riu ainda mais; mas, quando lhe disseram que a cidade certamente seria abandonada à mercê dos soldados do inimigo — bem, ela riu sem parar. Ela nunca conseguia ver o lado sério de nada. Quando a mãe chorava, ela dizia:

— Que expressões estranhas a mamãe faz! E espreme água das bochechas? Mamãe engraçada!

E quando o pai se irritava com ela, a princesa ria e dançava ao redor dele, batendo palmas e gritando:

— Faça de novo, papai. Faça de novo! É MUITO divertido! Querido papai engraçado!

E, se ele tentasse pegá-la, ela escapulia num instante, sem o menor medo, mas pensando que não ser pega fazia parte do jogo. Com um impulso do pé, ela flutuava no ar acima da cabeça dele; ou saía dançando para trás e para a frente e para o lado, como uma grande borboleta. Aconteceu várias vezes, quando o pai e a mãe estavam conversando sobre ela em particular, de eles serem interrompidos por acessos de riso reprimidos em vão sobre a cabeça dos dois; e, ao olharem para cima, indignados, a viram

flutuando totalmente sobre eles, olhando para os dois com a melhor vista cômica daquela posição.

Certo dia, um acidente desastrado aconteceu. A princesa tinha saído para o gramado com uma de suas acompanhantes, que a segurava pela mão. Vendo o pai do outro lado do gramado, ela soltou a mão da criada e disparou em direção a ele. Bem, quando ela queria correr sozinha, costumava pegar uma pedra em cada mão, para conseguir descer de novo depois de quicar. As roupas que ela usava não tinham nenhum efeito desse tipo: até mesmo o ouro, quando se transformava numa parte dela, perdia todo o seu peso por um tempo. Mas o que ela segurava com as mãos conservava sua tendência a descer. Nessa ocasião, ela não viu nada para pegar, exceto um sapo enorme que estava atravessando o gramado como se tivesse cem anos para fazer isso. Sem saber o que significava nojo, pois essa era uma de suas peculiaridades, ela agarrou o sapo e seguiu quicando. Tinha quase chegado até o pai, e ele estava estendendo os braços para recebê-la e roubar dos seus lábios o beijo que pairava entre eles como uma borboleta num botão de rosa, quando uma lufada de vento a soprou para o lado, para os braços de um jovem pajem que estava recebendo uma mensagem de Sua Majestade. Bem, não era uma grande peculiaridade na princesa o fato de que, depois que começava, ela sempre demorava e tinha dificuldades para se controlar. Nessa ocasião, não houve tempo. Ela precisava beijar — e beijou o pajem. Ela não se importou muito, pois não havia nenhuma timidez na sua formação; além do mais, ela sabia que não conseguiria evitar. Assim, ela simplesmente riu, como uma caixa de músicas. O pobre pajem temeu o pior. Pois a princesa, tentando corrigir a infeliz direção do beijo, estendeu as mãos para se afastar do pajem; de modo que, junto com o beijo, ele recebeu, na outra bochecha, uma bofetada com o enorme sapo preto, que ela enfiou no olho dele. O pajem também tentou rir, mas a tentativa resultou numa estranha deformação do seu semblante, mostrando que não havia risco de ele se gabar do beijo. Quanto ao rei, sua dignidade foi muito ferida, e ele não falou com o pajem por um mês inteiro.

Posso comentar aqui que foi muito divertido vê-la correr, se é que seu modo de progressão podia ser chamado de corrida. Pois primeiro ela quicava; depois, com um salto, ela corria alguns passos e quicava de novo. Às vezes ela achava que tinha alcançado o chão antes de realmente alcançar, e seus pés iam para a frente e para trás, correndo no ar, como os de uma galinha de barriga para cima. E então ela ria como o próprio espírito da alegria; só que faltava alguma coisa no seu riso. O que era, eu mesmo não sou capaz de descrever. Acho que era um certo tom, dependendo da possibilidade de tristeza — MORBIDEZ, talvez. Ela nunca sorria.

# VII. Experimente a metafísica

Depois de evitar por muito tempo o assunto doloroso, o rei e a rainha decidiram criar um conselho com três pessoas; e mandaram chamar a princesa. Ela entrou, deslizando e esvoaçando e planando de um móvel para outro, e por fim se sentou numa poltrona. Não pretendo determinar se era possível dizer que ela se sentava, já que não recebia nenhum apoio do assento da cadeira.

— Minha querida filha — disse o rei —, a esta altura, você já deve ter percebido que não é exatamente como as outras pessoas.

— Ah, querido papai engraçado! Tenho um nariz e dois olhos e todo o resto. Você também. A mamãe também.

— Minha querida, por favor, fique séria uma vez na vida — disse a rainha.

— Não, obrigada, mamãe; prefiro não.

— Você não gostaria de ser capaz de andar como as outras pessoas? — indagou o rei.

— Claro que não, não mesmo. Vocês só rastejam. Vocês são carruagens lentas!

— Como você se sente, minha filha? — continuou ele, depois de uma pausa embaraçosa.

— Muito bem, obrigada.

— Quero dizer, como é a sensação?

— Nenhuma, que eu saiba.

— Você deve sentir alguma coisa.

— Eu me sinto uma princesa com um papai muito engraçado e uma mamãe rainha muito boazinha e querida!

— Deveras! — começou a rainha, mas a princesa a interrompeu.

— Ah, sim — acrescentou ela —, eu me lembro. Às vezes tenho uma sensação curiosa, como se eu fosse a única pessoa do mundo todo que tem algum juízo.

Ela estava tentando se comportar com dignidade; mas explodiu numa crise de riso, se jogou para trás por cima da cadeira e saiu rolando no chão num êxtase de prazer. O rei a pegou com mais facilidade do que se pega uma coberta de plumas e a recolocou na relação anterior à poltrona. A preposição exata para expressar essa relação eu não sei.

— Não há nada que você deseje? — continuou o rei, que, a esta altura, tinha aprendido que era inútil ficar com raiva dela.

— Ah, querido papai! Sim! — respondeu ela.

— O que é, minha querida?

— Desejo isso há muito tempo! Desde ontem à noite.

— Diga-me o que é.

— Você promete que vai me dar?

O rei estava prestes a dizer sim, mas a rainha, mais sábia, o impediu com um movimento da cabeça.

— Diga-me o que é primeiro — pediu ele.

— Não, não. Prometa primeiro.

— Não ouso. O que é?

— Preste atenção, pois vou cobrar essa promessa. É… é ser amarrada à ponta de uma corda… uma corda muito comprida, e ser lançada como uma pipa. Ah, que divertido! Eu faria chover água de rosas e lançaria ameixas açucaradas e faria nevar chantilly e… e… e…

Uma crise de riso a atingiu; e ela teria saído voando de novo se o rei não tivesse dado um pulo para pegá-la bem a tempo. Vendo

que não ia conseguir nada dela além de conversa, ele tocou o sino e a mandou embora com duas damas de companhia.

— Bem, rainha — disse ele, virando-se para Sua Majestade —, o QUE podemos fazer?

— Só há mais uma coisa a fazer — respondeu ela. — Vamos consultar o colegiado de metafísicos.

— Bravo! — gritou o rei. — Vamos fazer isso.

Na liderança desse colegiado, havia dois filósofos chineses muito sábios, chamados Hum-Drum e Kopy-Keck. O rei mandou chamá-los; e eles logo chegaram. Num discurso longo, ele comunicou aos dois o que eles já sabiam muito bem — quem não? —, ou seja, a condição peculiar de sua filha em relação ao globo em que vivia; e pediu aos dois que se reunissem para descobrir qual seria a causa e a possível cura para a INFIRMIDADE. O rei destacou a palavra, mas não percebeu seu próprio trocadilho. A rainha riu; mas Hum-Drum e Kopy-Keck ouviram com humildade e se retiraram em silêncio.

A consulta consistia principalmente em propor e apoiar, pela milésima vez, cada uma de suas teorias preferidas. O fato era que a condição da princesa proporcionava um escopo delicioso para a discussão de todas as questões advindas da divisão do pensamento — na verdade, de toda a metafísica do Império Chinês. Mas é apenas justo dizer que eles não negligenciavam totalmente a discussão da questão prática, do que devia ser feito.

Hum-Drum era materialista, e Kopy-Keck era espiritualista. O primeiro era lento e judicioso; o último era rápido e excêntrico; o último geralmente tinha a primeira palavra; o primeiro tinha a última.

— Reafirmo minha afirmativa anterior — começou Kopy-Keck, arriscando. — Não existe nenhum defeito no corpo ou na alma da princesa; eles só são mal encaixados. Escute-me agora, Hum-Drum, e vou lhe dizer um resumo do que penso. Não fale. Não me responda. Não vou ouvi-lo até eu terminar. Naquele momento decisivo, quando as almas buscam suas habitações designadas, duas almas ávidas se encontraram, se bateram, ricochetearam,

perderam o caminho e chegaram ao lugar errado. A alma da princesa era uma dessas, e ela se extraviou muito. Ela não pertence a este mundo por direito, mas a algum outro planeta, provavelmente Mercúrio. O pendor à sua verdadeira esfera destrói toda a influência natural que esta orbe teria sobre a estrutura corpórea dela. A princesa não se importa com nada aqui. Não há nenhuma relação entre este mundo e o dela.

"Assim, ela deve ser ensinada, pela compulsão mais severa, a ter interesse na Terra pela Terra. Ela deve estudar cada departamento de nossa história: a história animal, a história vegetal, a história mineral, a história social, a história moral, a história política, a história científica, a história literária, a história musical, a história artística e, acima de tudo, a história metafísica. Ela deve começar com a dinastia chinesa e terminar com o Japão. Mas, antes de tudo, ela deve estudar geologia, especialmente a história das raças extintas de animais: suas naturezas, seus hábitos, seus amores, seus ódios, suas vinganças. Ela deve…"

— Espere, espe-e-e-ere! — rugiu Hum-Drum. — Certamente é minha vez agora. Minha convicção arraigada e indestrutível é que as causas das anomalias evidentes na condição da princesa são estrita e unicamente físicas. Mas isso só equivale a reconhecer que elas existem. Ouça minha opinião. Por uma razão ou outra, sem nenhuma importância para nossa investigação, o movimento do coração dela foi invertido. A combinação notável da bomba de sucção e de força funciona do jeito errado; quero dizer, no caso da infeliz princesa: ele puxa para dentro quando deveria empurrar e empurra para fora quando deveria puxar. As funções dos átrios e dos ventrículos estão invertidas. O sangue é enviado pelas veias e volta pelas artérias. Consequentemente, ele corre no sentido contrário por todo o organismo corpóreo dela, nos pulmões e tudo. Desse modo, será que é misterioso, se for o caso, considerando a parte específica da gravidade, ela diferir da humanidade normal? Minha proposta de cura é a seguinte:

"Sangrá-la até ela ser reduzida ao último ponto de segurança. Que isso seja feito, se necessário, numa banheira de água quente. Quando ela for reduzida a um estado de perfeita asfixia, aplicar uma

ligadura ao tornozelo esquerdo, apertando até quando o osso aguentar. Aplicar, no mesmo instante, outra de igual tensão no pulso direito. Com placas construídas para esse propósito, colocar o outro pé e a outra mão sob os receptáculos de duas bombas de ar. Exaurir os receptáculos. Juntar meio litro de conhaque francês e esperar o resultado."

— Que, no momento, chegaria na forma de uma morte implacável — disse Kopy-Keck.

— Se isso acontecer, ela vai morrer fazendo o nosso trabalho — retrucou Hum-Drum.

Mas Suas Majestades tinham carinho demais pela sua prole volátil para sujeitá-la a um dos esquemas de filósofos igualmente inescrupulosos. Na verdade, o conhecimento mais completo das leis da natureza não teria servido, nesse caso, pois era impossível classificá-la. Ela era um quinto corpo imponderável, compartilhando todas as outras propriedades do ponderável.

# VIII. Experimente uma gota d’água

Talvez a melhor coisa para a princesa teria sido cair de amores por alguém. Mas como uma princesa sem nenhuma gravidade poderia cair de algum jeito é uma dificuldade — talvez A dificuldade.

Quanto aos sentimentos dela em relação ao assunto, a princesa nem sabia que havia essa colmeia de mel e ferrões na qual cair. Mas agora vou mencionar outro fato curioso sobre ela.

O palácio era construído nas margens do lago mais lindo do mundo; e a princesa amava esse lago mais do que o pai e a mãe. A raiz dessa preferência, sem dúvida, embora a princesa não reconhecesse isso, era que, no instante em que entrou no lago, ela recuperou o direito natural do qual tinha sido privada com tanta maldade — a saber, a gravidade. Não sei se isso se devia ao fato de que a água tinha sido usada como meio de transferência do seu problema. Mas é certo que ela conseguia nadar e mergulhar como o pato que sua velha ama-seca dizia que ela era. Esse alívio do seu infortúnio foi descoberto da seguinte maneira:

Num entardecer de verão, durante a feira rural, ela tinha sido levada até o lago pelo rei e pela rainha na barca real. Estavam acompanhados de muitos cortesãos numa frota de pequenos barcos. No meio do lago, ela quis ir para a barca do lorde chanceler, pois a filha dele, que era muito sua amiga, estava ali com o pai. Bem, embora o rei raramente se rebaixasse a fazer graça de seu infortúnio, por acaso nessa ocasião ele estava com um humor especialmente bom e, quando as barcas se aproximaram, ele pegou a princesa para jogá-la na barca do chanceler. No entanto, ele perdeu o equilíbrio e, caindo no fundo da barca, soltou a filha; mas não sem antes impor a ela a tendência descendente de seu próprio corpo, mas numa direção um pouco diferente, pois, embora o rei tivesse caído no barco, ela caiu na água. Com uma explosão de riso deleitado, ela desapareceu no lago. Um grito de pavor ascendeu dos barcos. Eles nunca tinham visto a princesa descer. Metade dos

homens estava embaixo d'água em um instante; mas todos, um após o outro, subiram à superfície de novo para respirar, quando — *plim*, *plim*, *blá* e *chuá*! — veio o riso da princesa de longe sobre a água. Lá estava ela, nadando como um cisne. Ela não saía nem pelo rei, nem pela rainha, nem pelo chanceler, nem pela filha dele. Estava perfeitamente obstinada.

Mas, ao mesmo tempo, parecia mais tranquila do que nunca. Talvez porque um grande prazer estraga a risada. Em todos os eventos, depois desse, a paixão da vida dela era entrar na água, e ela ficava cada vez mais comportada e mais linda quanto mais fazia isso. O verão e o inverno eram quase iguais; só que ela não podia ficar tanto tempo na água quando eles precisavam quebrar o gelo para ela poder entrar. Todo dia, da manhã até o entardecer no verão, ela podia ser vista — uma faixa branca na água azul — deitada imóvel como a sombra de uma nuvem ou disparando como um golfinho; desaparecendo e surgindo de novo bem longe, onde ninguém esperava vê-la. Ela ficaria no lago à noite também, se conseguisse convencer os pais, pois a sacada da sua janela ficava sobre uma piscina profunda no lago; e, através de uma passagem rasa cheia de junco, ela poderia sair nadando até a ampla massa de água e ninguém seria mais discreta do que ela. Na verdade, quando ela acordava sem querer sob o luar, mal conseguia resistir à tentação. Mas havia a triste dificuldade de conseguir chegar lá. A princesa tinha tanto medo do ar quanto algumas crianças têm da água. Pois a mais leve lufada de vento a sopraria para longe; e uma lufada podia surgir no momento mais imóvel. E, se ela desse um impulso em direção à água e simplesmente não conseguisse alcançá-la, sua situação seria pavorosamente constrangedora, independente do vento; pois no mínimo ela teria que ficar suspensa, de camisola, até ser vista e puxada por alguém da janela.

— Ah, se eu tivesse minha gravidade! — pensava ela, contemplando a água. — Eu sairia dessa sacada como uma comprida ave marítima branca, caindo de cabeça na adorada umidade. Ah, que delícia!

Essa era a única consideração que a fazia desejar ser como as outras pessoas.

Outro motivo para ela gostar da água era que, ali dentro, ela aproveitava a liberdade. O fato era que ela não podia andar sem um cortejo, que consistia, em parte, de uma tropa de cavalos leves, por medo das liberdades que o vento podia ter com ela. E o rei ficou mais apreensivo conforme os anos passaram, até que, por fim, não permitia que ela saísse sem cerca de vinte cordas de seda amarradas ao máximo de partes do vestido e seguradas por vinte nobres. Claro que andar a cavalo estava fora de cogitação. Mas ela dava adeus a toda essa cerimônia quando entrava na água.

E os efeitos sobre ela eram tão extraordinários, especialmente por restaurá-la por um tempo à gravidade humana ordinária, que Hum-Drum e Kopy-Keck concordaram em recomendar ao rei que a enterrasse viva durante três anos na esperança de que, já que a água lhe fazia tão bem, a terra fizesse um bem ainda maior. Mas o rei tinha um certo preconceito vulgar contra o experimento e não deu seu consentimento. Frustrados com isso, eles concordaram com outra recomendação; o que, vendo que um importava suas opiniões da China e outro do Tibete, era realmente notável. Eles argumentaram que, se a água de origem e aplicação externas eram tão eficazes, a água de uma fonte mais profunda poderia ser a cura perfeita; em resumo, se alguém conseguisse fazer a pobre princesa aflita chorar, ela poderia recuperar a gravidade perdida.

Mas como isso poderia ser feito? Aí estava toda a dificuldade — e os filósofos não eram sábios o suficiente para resolvê-la. Fazer a princesa chorar era tão impossível quanto fazê-la ter peso. Eles mandaram buscar um mendigo profissional; ordenaram que ele preparasse seu discurso de desgraça mais comovente, levaram-no até o baú de fantasias da corte para ele escolher o que queria vestir e prometeram grandes recompensas se ele tivesse sucesso. Mas foi tudo em vão. Ela ouviu a história do artista mendicante e contemplou sua maquiagem incrível até não conseguir mais se conter e começou as contorções mais indignas para se aliviar, guinchando, berrando muito de tanto rir.

Quando se recuperou um pouco, ela ordenou que seus acompanhantes o levassem embora e não lhe deu uma única

moeda de cobre; e o olhar de embaraço mortificado dele provocou a punição dela e a vingança dele, pois a lançou numa histeria violenta, da qual ela teve dificuldades de se recuperar.

Mas o rei estava tão ansioso para testar a sugestão de maneira justa que aproveitou a própria ira um dia e, correndo até o quarto dela, deu-lhe uma surra de chicote. Mesmo assim, nem uma lágrima escorreu. Ela pareceu séria, e a risada soou incomumente como um grito — só isso. O bom e velho tirano, embora colocasse seus melhores óculos para analisar, não descobriu nem uma pequena nuvem no azul sereno dos olhos dela.

# IX. Deixe-me entrar de novo

Deve ter sido mais ou menos nessa época que o filho de um rei que morava a mil quilômetros de Lagobel saiu para procurar a filha de uma rainha. Ele viajou muito, mas, assim que encontrava uma princesa, também encontrava uma falha nela. Claro que ele não podia se casar com uma mulher simples, por mais que fosse bonita; e não havia nenhuma princesa digna dele. Não pretendo comentar se o príncipe era tão próximo da perfeição que tinha o direito de exigir a perfeição. Tudo que sei é que era um jovem gentil, bonito, corajoso, generoso, bem-nascido e bem-comportado, como todos os príncipes.

Nas suas perambulações, ele soube de alguns relatos sobre a nossa princesa; mas, como todos diziam que ela era enfeitiçada, nunca sonhou que ela pudesse enfeitiçá-lo. Pois o que um príncipe podia fazer com uma princesa que tinha perdido a gravidade? Quem poderia dizer o que ela ia perder em seguida? Ela podia perder a visibilidade ou a tangibilidade; ou, em resumo, o poder de provocar impressões sobre o sensório radical; de modo que ele nunca seria capaz de dizer se ela estava viva ou morta. Claro que ele não fez mais pesquisas sobre ela. Certo dia, ele perdeu seu séquito de vista numa grande floresta. Essas florestas eram muito úteis para afastar príncipes de seus cortesãos, como uma peneira que separa o farelo do trigo. E assim os príncipes fogem para seguir seus destinos. Desse modo, eles têm vantagem sobre as princesas, que são obrigadas a se casar antes de terem um pouco de diversão. Eu gostaria que nossas princesas se perdessem numa floresta de vez em quando.

Num anoitecer agradável, depois de vagar por muitos dias, ele descobriu que estava se aproximando das cercanias da floresta, pois as árvores ficaram tão finas que ele conseguia ver o pôr do sol através delas; e ele logo chegou a um tipo de charneca. Em

seguida, viu sinais de regiões com seres humanos, mas já estava ficando tarde e não havia ninguém nos campos para orientá-lo.

Depois de viajar por mais uma hora, seu cavalo, já esgotado com o trabalho prolongado e a falta de alimento, caiu e não conseguiu mais se levantar. E assim ele continuou a jornada a pé. Por fim, ele entrou em outra floresta — não uma selvagem, mas uma civilizada, através da qual uma trilha o conduziu até a margem de um lago. Por essa trilha, o príncipe seguiu seu caminho pela crescente escuridão. De repente, fez uma pausa e ouviu. Sons estranhos vinham por sobre a água. Na verdade, era a princesa rindo. Mas havia alguma coisa esquisita na risada, como já dei a entender; o fato é que a gestação de uma risada realmente sincera precisa da incubação da gravidade, e talvez por isso o príncipe tenha interpretado a risada como um grito. Olhando por sobre o lago, ele viu uma coisa branca na água; e, num instante, tinha rasgado a túnica, tirado as sandálias e mergulhado. Ele logo chegou ao objeto branco e descobriu que era uma mulher. Não havia luz suficiente para mostrar que era uma princesa, mas o suficiente para mostrar que era uma dama, pois não é necessário ter muita luz para ver isso.

Bem, não sei dizer como aconteceu — se ela fingiu estar se afogando ou se ele a assustou ou a pegou de um jeito que a deixou envergonhada —, mas ele certamente a levou até a margem de um jeito humilhante para um nadador, e mais perto de estar afogada do que ela jamais esperou, pois a água tinha entrado na garganta, enquanto ela tentava falar.

No local ao qual ele a levou, a margem ficava a uns trinta ou sessenta centímetros acima da água; e ele a empurrou para fora da água, para colocá-la na margem. Mas, como sua gravidade desapareceu no instante em que saiu da água, ela subiu pelos ares, reclamando e berrando.

— Seu homem mau, mau, MAU, MAU! — gritou ela.

Ninguém jamais conseguira deixá-la com raiva. Quando o príncipe a viu subindo, pensou que tinha sido enfeitiçado e que confundira um grande cisne com uma dama. Mas a princesa

agarrou o cone mais alto de um abeto imponente. O cone se soltou, mas ela segurou outro; e, na verdade, conseguiu parar segurando os cones, soltando-os conforme os caules cediam. Enquanto isso, o príncipe ficou na água, encarando e se esquecendo de sair. Mas, quando a princesa desapareceu, ele cambaleou para a margem e foi na direção da árvore. Lá ele a encontrou descendo de um dos galhos em direção ao tronco. Mas, na escuridão da floresta, o príncipe continuou perplexo sem saber que fenômeno era aquele; até que, alcançando o chão e o vendo parado ali, ela o segurou e disse:

— Vou contar ao papai.

— Ah, não, você não vai fazer isso! — retrucou o príncipe.

— Vou, sim — insistiu ela. — Por que você me tirou da água e me jogou para cima? Nunca fiz nenhum mal a você.

— Desculpe. Eu não quis machucá-la.

— Não acredito que você tenha um cérebro; e isso é uma perda pior do que sua gravidade desprezível. Tenho pena de você.

E assim o príncipe percebeu que tinha encontrado a princesa enfeitiçada e já a tinha ofendido. Mas, antes que ele conseguisse pensar no que dizer, ela explodiu com raiva, batendo o pé de um jeito que a teria feito sair voando de novo se ela não estivesse segurando o braço dele.

— Coloque-me de volta.

— Colocá-la de volta onde, belezura? — indagou o príncipe.

Ele já tinha quase se apaixonado por ela, pois a raiva da princesa a deixava mais charmosa do que jamais se vira; e, até onde ele conseguia ver, e certamente não era muito longe, ela não tinha nenhum defeito, exceto, é claro, o fato de não ter nenhuma gravidade. Mas nenhum príncipe jamais julgaria uma princesa pelo peso. Ele não estimaria a beleza do pé dela pela profundidade da impressão que deixaria na lama.

— Colocá-la de volta onde, belezura? — repetiu o príncipe.

— Na água, seu idiota! — respondeu a princesa.

— Venha, então — disse o príncipe.

O estado do vestido dela, aumentando sua dificuldade habitual para andar, a obrigava a se agarrar a ele; e o príncipe não conseguiu se convencer de que não estava num sonho encantador, apesar do fluxo de abuso musical com o qual ela o oprimia. Como o príncipe não estava com pressa, eles foram para outra parte do lago, onde a margem ficava a pelo menos sete metros de altura; e, quando eles chegaram à borda, ele se virou para a princesa e perguntou:

— Como devo colocá-la na água?

— Isso é problema seu — respondeu ela, com a língua afiada. — Você me tirou, agora me coloque de volta.

— Muito bem — disse o príncipe; e, pegando-a nos braços, saltou com ela da rocha. A princesa só teve tempo de dar um gritinho satisfeito de risada antes que a água se fechasse sobre eles. Quando os dois voltaram à tona, ela descobriu que, por um instante ou dois, não conseguia nem rir, pois tinha descido tão rápido que teve dificuldade para recuperar o fôlego. No instante em que eles chegaram à superfície:

— Você gostou de cair? — perguntou o príncipe.

Depois de algum esforço, a princesa ofegou:

— É isso que você chama de CAIR?

— É — respondeu o príncipe —, acho que é um exemplo bem tolerável.

— Parecia que eu estava subindo — respondeu ela.

— Minha sensação certamente também foi de elevação — concordou o príncipe.

A princesa não pareceu entendê-lo, pois repetiu a pergunta dele:

— VOCÊ gostou de cair? — perguntou a princesa.

— Mais que tudo — respondeu ele —, pois caí com a única criatura perfeita que já vi.

— Chega disso: estou cansada dessas coisas — disse a princesa.

Talvez ela compartilhasse a aversão do pai por trocadilhos.

— Você não gostou de cair, então? — perguntou o príncipe.

— Foi a diversão mais encantadora que já tive na vida — respondeu ela. — Eu nunca tinha caído. Queria poder aprender. E pensar que sou a única pessoa no reino do meu pai que não consegue cair!

E, nesse momento, a princesa quase pareceu triste.

— Eu ficaria muito feliz de cair com você sempre que você quisesse — disse o príncipe de um jeito afeiçoado.

— Obrigada. Não sei. Talvez não seja adequado. Mas não me importo. Em todo caso, já que caímos, vamos nadar juntos?

— Com todo o meu coração — respondeu o príncipe.

E lá foram eles, nadando e mergulhando e flutuando, até que por fim ouviram gritos na margem e viram luzes iluminando em todas as direções. Já era bem tarde e não havia nenhuma lua.

— Preciso ir para casa — disse a princesa. — Sinto muito, porque isso é encantador.

— Também acho — retrucou o príncipe. — Mas fico feliz por não ter uma casa para onde ir; pelo menos, não sei exatamente onde ela está.

— Eu queria não ter uma também — concordou a princesa. — Isso é tão idiota! Tive uma ótima ideia — continuou ela — para enganar todos eles. Por que eles não podem me deixar em paz? Eles não confiam em mim no lago nem por uma noite! Está vendo aquela luz verde? É a janela do meu quarto. Bem, se você nadar comigo até lá em silêncio e, quando estivermos sob a sacada, me der um empurrão para cima como fez pouco tempo atrás, devo

conseguir agarrar a sacada e entrar pela janela; e assim eles podem me procurar até amanhã de manhã!

— Com mais obediência do que prazer — disse o príncipe, cheio de galanteios; e os dois nadaram com muita delicadeza.

— Você vai estar no lago amanhã à noite? — o príncipe se arriscou a perguntar.

— Com certeza estarei. Acho que não. Talvez. — Essa foi a resposta meio estranha da princesa.

Mas o príncipe era inteligente o suficiente para não a pressionar mais; e simplesmente sussurrou, enquanto dava o empurrão de despedida:

— Não conte a ninguém.

A única resposta da princesa foi um olhar malandro. Ela já estava a um metro acima da cabeça dele. O olhar parecia dizer: *Não tema. É uma diversão boa demais para estragar desse jeito.*

Ela ficava tão perfeitamente parecida com as outras pessoas na água que até o príncipe mal acreditou nos próprios olhos quando a viu ascender lentamente, agarrar a sacada e desaparecer do outro lado da janela. Ele se virou, quase esperando ainda vê-la ao seu lado. Mas estava sozinho na água. Ele então se afastou nadando em silêncio e observou as luzes vagando pela margem durante horas depois que a princesa estava segura nos seus aposentos. Assim que eles desapareceram, ele foi procurar sua túnica e sua espada e, depois de alguns problemas, encontrou seus pertences. Em seguida, contornou o lago até o outro lado. Ali a floresta era mais selvagem, e a margem era mais íngreme, subindo imediatamente em direção às montanhas que cercavam o lago por todos os lados, e lançava cursos d'água prateados da manhã à noite e durante toda a noite. Ele encontrou um espaço de onde conseguia ver a luz verde no quarto da princesa e onde, mesmo à luz do dia, ele não corria o risco de ser visto da margem oposta. Era um tipo de caverna na rocha, onde ele arrumou uma cama de folhas secas e se deitou, cansado demais para que a fome o mantivesse acordado. A noite toda ele sonhou que estava nadando com a princesa.

# X. Olhe para a lua

Na manhã seguinte, bem cedo, o príncipe saiu para procurar alguma coisa para comer, que logo achou numa cabana na floresta, onde, nos dias seguintes, encontrou tudo que um príncipe corajoso consideraria necessário. E, tendo o suficiente para mantê-lo vivo no momento, ele não pensaria em necessidades que ainda não existiam. Sempre que a preocupação se intrometia, esse príncipe a afastava com uma reverência muito principesca. Quando voltou do café da manhã para sua caverna de observação, viu a princesa já boiando no lago, vigiada pelo rei e pela rainha, que ele reconheceu pelas coroas — e uma grande companhia em pequenos barcos adoráveis, com coberturas em todas as cores do arco-íris, e bandeiras e faixas de muitas outras cores. Era um dia muito claro, e logo o príncipe, acalorado, começou a ansiar pela água fria e pela princesa fria. Mas tinha que aguentar até o crepúsculo, pois os barcos tinham provisões a bordo e o grupo animado só começava a desaparecer quando o sol baixava. Um barco atrás do outro se afastou para a margem, seguindo o do rei e da rainha, até que apenas um, aparentemente o da própria princesa, continuou ali. Mas ela ainda não queria ir para casa, e o príncipe achou que a vira ordenar que o barco fosse para a margem sem ela. Em todo caso, o barco se afastou; e agora, de toda a companhia radiante, só restava um ponto branco. E o príncipe começou a cantar. E a canção era assim:

“Bela dama,

Cisne a nadar,

Erga os olhos,

Ofusque o luar

Pelo poder

Desse teu olhar.

Braços brancos,
Remos de neve,
Venha até aqui,
Seja breve.
Venha até aqui,
Suave e leve.

Flutua atrás dela
Sobre o lago,
Uma brancura radiante!
Em seu rastro,
Segue a donzela
Que flutua distante!

Gotas azuis
Prendem-se a ela,
Não podem partir;
Não podem deixá-la,
Frias e sinceras,
Só querem beijá-la.

Me levem também,
Águas tristes,

Que tiveram de deixá-la.

Façam-me feliz,

Pois ao menos tiveram

A sorte de beijá-la.”

Antes de terminar a canção, a princesa estava logo abaixo do local onde ele se sentou, olhando para cima para procurá-lo. Seus ouvidos a tinham conduzido.

— Gostaria de uma queda, princesa? — perguntou o príncipe, olhando para baixo.

— Ah, aí está você. Sim, por favor, príncipe — respondeu a princesa, olhando para cima.

— Como você sabe que sou um príncipe, princesa? — indagou o príncipe.

— Porque você é um jovem muito simpático, príncipe — disse a princesa.

— Suba, então, princesa.

— Venha me buscar, príncipe.

O príncipe tirou seu lenço de pescoço, depois o cinto da espada, a túnica e os amarrou todos juntos, baixando-os até a água. Mas a corda era curta demais. Ele desamarrou o turbante e acrescentou ao resto, que ficou quase com o comprimento suficiente; e a bolsa completou. A princesa conseguiu segurar o nó e chegou ao lado dele num instante. Essa rocha era muito mais alta que a outra, e o borrifo e o mergulho foram incríveis. A princesa estava em êxtase de prazer, e o nado dos dois foi delicioso.

Noite após noite eles se encontravam e nadavam no lago limpo e escuro; a felicidade do príncipe era tamanha que (quer o jeito da princesa de olhar para as coisas o tivesse infectado ou ele estivesse ficando tonto) ele às vezes imaginava que estava nadando

no céu, e não no lago. Mas, quando ele falava sobre estar no céu, a princesa ria dele de um jeito terrível.

Quando a lua aparecia, provocava um novo prazer nos dois. Tudo tinha um aspecto estranho e novo sob a sua luz, com uma novidade de outrora, definhada e, apesar disso, imperecível. Quando a lua estava quase cheia, um dos maiores prazeres deles era mergulhar fundo na água e, depois, virando-se, olhar para cima para o grande borrão de luz perto deles, cintilando, tremendo e oscilando, se espalhando e se contraindo, parecendo derreter e se solidificar de novo. Eles então disparavam em direção ao borrão e, uau!, lá estava a lua, bem distante, clara, firme, fria e muito adorável, no fundo de um lago mais profundo e mais azul que o deles, como disse a princesa.

O príncipe logo descobriu que, enquanto estava na água, a princesa era como as outras pessoas. E, além disso, ela não era tão prepotente nas perguntas nem arrogante nas respostas na água quanto na margem. Ela também não ria tanto; e, quando o fazia, era com mais delicadeza. No geral, parecia mais modesta e mais donzela na água do que fora dela.

Mas, quando o príncipe, que já tinha caído de amores quando caiu no lago, começava a falar com ela sobre o amor, ela sempre virava a cabeça para ele e ria. Depois de um tempo, ela começou a parecer confusa, como se estivesse tentando entender o que ele queria dizer, mas não conseguisse — revelando saber que ele queria dizer alguma coisa. Mas, assim que ela deixava o lago, ficava tão alterada que o príncipe dizia para si mesmo: *Se eu me casar com ela, não vejo alternativa: teremos que nos transformar em sereianos e ir para o mar de imediato.*

# XI. Sibilo!

O prazer da princesa no lago tinha virado uma paixão, e ela mal conseguia ficar fora dele por uma hora. Imagine sua consternação, então, quando, ao mergulhar com o príncipe certa noite, ela foi tomada por uma súbita suspeita de que o lago não estava tão profundo quanto costumava ser. O príncipe não conseguiu imaginar o que tinha acontecido. Ela disparou para a superfície e, sem uma palavra, nadou a toda velocidade em direção ao lado mais alto do lago. Ele a seguiu, implorando para saber se ela estava doente ou o que estava acontecendo. Ela não virou a cabeça nem prestou a menor atenção à pergunta dele. Chegando à margem, ela costeou as rochas em uma inspeção minuciosa. Mas não conseguiu chegar a uma conclusão, pois a lua estava muito pequena, por isso ela não conseguia ver muito bem. Ela então se virou e nadou para casa, sem dizer uma palavra para explicar sua conduta ao príncipe, de cuja presença ela não parecia mais estar consciente. Ele voltou para sua caverna, muito perplexo e agoniado.

No dia seguinte, ela fez muitas observações, que, infelizmente, fortaleceram seus medos. Viu que as margens estavam secas demais; e que a grama na orla e as plantas que delimitavam as rochas estavam murchando. Fez marcas ao longo das margens e as examinava, dia após dia, em todas as direções do vento; até que, por fim, uma ideia terrível se tornou um fato certo: a superfície do lago estava afundando lentamente.

A pobre princesa quase perdeu a pouca cabeça que tinha. Era terrível ver o lago, que ela amava mais do que qualquer coisa viva, morrendo diante de seus olhos. Ele perdia profundidade, desaparecendo lentamente. Os topos das rochas, que nunca tinham sido vistos até agora, começaram a aparecer lá no fundo da água transparente. Em pouco tempo, estavam secando ao sol. Era terrível pensar na lama que em breve estaria ali assando e apodrecendo, cheia de criaturas adoráveis morrendo e criaturas horríveis

despertando para a vida, como o desmanche de um mundo. E como o sol ficaria quente sem o lago! Ela não suportava mais nadar nele e começou a se consumir. Sua vida parecia interligada a ele e, conforme o lago afundava, ela se consumia. As pessoas diziam que ela não viveria nem uma hora depois que o lago desaparecesse.

Mas ela não chorou.

Foi feita uma Proclamação para todo o reino, de que quem descobrisse a causa da diminuição do lago, receberia uma recompensa em estilo principesco. Hum-Drum e Kopy-Keck se dedicaram à física e à metafísica, mas foi em vão. Eles nem conseguiram sugerir uma causa.

O fato era que a princesa velha estava por trás dessa traquinagem. Quando soube que a sobrinha encontrava mais prazer na água do que qualquer pessoa, ficou furiosa e amaldiçoou a si mesma por ter presciência.

— Mas — disse ela — em breve vou corrigir tudo. O rei e o povo vão morrer de sede; seus cérebros vão fritar e encolher no crânio antes que eu perca minha vingança.

E deu uma risada violenta, que fez os pelos das costas de seu gato preto se arrepiarem de pavor.

Em seguida, ela foi até um velho baú no quarto e, abrindo-o, pegou o que parecia um pedaço de algas marinhas secas. Jogou isso num tonel de água. Depois, jogou um pouco de pó na água e mexeu com o braço nu, murmurando palavras com som repugnante e um significado ainda mais repugnante. Ela deixou o tonel de lado e tirou do baú um molho enorme de cem chaves enferrujadas que fizeram um alarido nas suas mãos trêmulas. Em seguida, sentou-se e começou a lubrificar todas elas. Antes de terminar, saiu do tonel, cuja água se movimentava lentamente desde que ela parou de mexer, a cabeça e a metade do corpo de uma enorme cobra cinza. Mas a bruxa não olhou ao redor. A cobra saiu do tonel, oscilando para a frente e para trás com um movimento horizontal lento, até chegar à princesa, quando pousou a cabeça no ombro dela e sibilou no seu ouvido. Ela se assustou, mas com alegria; e, ao ver a cabeça

apoiada no seu ombro, se aproximou e a beijou. Em seguida, tirou a cobra toda do tonel e a enrolou no próprio corpo. Era uma daquelas criaturas pavorosas que poucos jamais contemplaram: as Cobras Brancas da Escuridão.

Ela pegou as chaves e desceu até o porão. Ao destrancar a porta, disse para si mesma:

— Vale a pena viver por isso!

Trancando a porta ao sair, ela desceu alguns degraus até o porão e, atravessando-o, destrancou outra porta que dava numa passagem estreita e escura. Também trancou essa porta depois de passar por ela e desceu mais alguns degraus. Se alguém tivesse seguido a princesa-bruxa, teria ouvido ela destrancar exatamente cem portas e descer alguns degraus depois de destrancar cada uma delas. Depois de destrancar a última, ela entrou numa caverna ampla, cujo teto era apoiado por enormes pilares naturais de rochas. E esse teto ficava sob o fundo do lago.

Ela então desenrolou a cobra do corpo e a segurou pelo rabo bem no alto. A criatura repugnante esticou a cabeça em direção ao teto da caverna e tinha exatamente o tamanho certo para alcançá-lo. Em seguida, começou a mover a cabeça para a frente e para trás, com um movimento oscilatório lento, como se procurasse alguma coisa. No mesmo instante, a bruxa começou a andar em círculos na caverna, se aproximando cada vez mais do centro a cada circuito; enquanto isso, a cabeça da cobra seguia no teto o mesmo caminho que a bruxa fazia no chão, pois continuava segurando-a no alto. E a cobra continuava oscilando lentamente. E lá seguiam elas em círculos, diminuindo o circuito, até que, por fim, a cobra se lançou de repente e se agarrou ao teto com a boca.

— Isso mesmo, minha belezura! — gritou a princesa. — Drene toda a água.

Ela a soltou, deixando-a pendurada, e se sentou numa pedra grande com o gato preto, que a seguira o tempo todo, ao seu lado. E começou a tricotar e murmurar palavras horríveis. A cobra se pendurava como uma enorme sanguessuga sugando a pedra; o

gato estava de pé com as costas arqueadas e o rabo parecendo um cabo, olhando para a cobra no alto; e a velha ficou sentada, tricotando e murmurando. Sete dias e sete noites eles ficaram assim; até que, de repente, a serpente se soltou do teto, como se estivesse exausta, e murchou até voltar a ser um pedaço de algas marinhas secas. A bruxa se levantou num salto assustado, pegou-a, colocou-a no bolso e olhou para o teto acima. Uma gota de água estava tremendo no ponto onde a cobra tinha sugado. Assim que viu isso, ela se virou e fugiu, seguida pelo gato. Fechando a porta com uma pressa aterradora, ela a trancou e, depois de murmurar algumas palavras terríveis, disparou até a próxima, que também trancou e murmurou; e assim foi com todas as cem portas, até chegar ao seu próprio porão. Ali ela se sentou no chão, pronta para desmaiar, mas ouvindo com um prazer maligno o fluxo de água, que escutava distintamente através de todas as cem portas.

Mas isso não era suficiente. Agora que tinha saboreado a vingança, ela perdera a paciência. Sem outras medidas, o lago demoraria demais para desaparecer. Assim, na noite seguinte, com o último fiapo da velha lua moribunda se erguendo, ela pegou um pouco da água em que tinha revivido a cobra, colocou num frasco e saiu, acompanhada pelo gato. Antes de amanhecer, ela já tinha feito o circuito todo do lago, murmurando palavras terríveis enquanto atravessava cada riacho e jogando ali um pouco da água de seu frasco. Quando terminou o circuito, ela murmurou mais uma vez e lançou um punhado de água em direção à lua. Em seguida, todas as fontes do país deixaram de palpitar e borbulhar, morrendo como a pulsação de um homem moribundo. No dia seguinte, não havia nenhum som de água caindo a ser ouvido nas margens do lago. Os cursos estavam secos; e as montanhas não mostravam nenhum riacho prateado descendo pelas suas encostas escuras. E não apenas as fontes da Mãe Terra tinham deixado de fluir; todos os bebês do país estavam chorando de um jeito pavoroso — só que sem lágrimas.

# XII. Onde está o príncipe?

Desde a noite em que a princesa o deixara tão abruptamente, o príncipe não teve mais nenhum encontro com ela. Ele a vira uma ou duas vezes no lago, mas, até onde conseguiu descobrir, ela não ficava mais ali à noite. Ele se sentou e cantou e procurou em vão por sua Nereida; enquanto ela, como uma verdadeira Nereida, estava se consumindo com seu lago, afundando conforme ele afundava, murchando conforme ele secava. Quando ele finalmente descobriu a mudança que estava acontecendo no nível da água, ficou muito alarmado e perplexo. Não sabia dizer se o lago estava morrendo porque a dama o esquecera ou se a dama não aparecia ali porque o lago tinha começado a diminuir. Mas resolveu descobrir pelo menos uma parte.

Ele se disfarçou e, indo até o palácio, pediu para ver o lorde camareiro. Sua aparência fez seu pedido ser atendido de imediato; e o lorde camareiro, sendo um homem de alguma visão, percebeu que havia mais na solicitação do príncipe do que ele dizia. Ele também sentiu que ninguém sabia dizer quando poderia surgir uma solução para as dificuldades atuais. E assim cedeu à súplica do príncipe de se fazer passar por engraxate para a princesa. O príncipe foi sagaz em fazer uma solicitação tão simples, pois aquela princesa não conseguia gastar tantos sapatos quanto as outras.

Ele logo descobriu tudo que podia ser dito sobre a princesa. Ele quase se distraiu; mas, depois de rondar o lago durante dias e mergulhar em todas as profundidades que ainda restavam, tudo que pôde fazer foi lustrar muito bem o par de botas delicadas que nunca foi necessário.

O fato era que a princesa mantinha seu quarto com as cortinas fechadas para esconder o lago moribundo, mas não conseguia escondê-lo da própria mente nem por um instante. Ele assombrava tanto sua imaginação que ela sentia como se o lago fosse sua alma, secando dentro dela, primeiro virando lama, depois

loucura e morte. Ela remoeu a mudança, com todas as coisas pavorosas que a acompanhavam, até ficar quase perturbada. Quanto ao príncipe, ela o esquecera. Por mais que apreciasse a companhia dele na água, ela não se importava com ele sem o lago. Mas parecia ter se esquecido também do pai e da mãe. O lago continuou escoando. Pequenos pontos lodosos começaram a aparecer, cintilando constantemente em meio ao brilho incerto da água. Eles cresceram até virarem canteiros amplos de lama, que se ampliavam e se espalhavam, com rochas aqui e ali, e peixes se debatendo e enguias rastejando. As pessoas iam para todo lado para pegá-los e para procurar qualquer coisa que pudesse ter caído dos barcos da realeza.

Por fim, o lago tinha desaparecido quase totalmente, restando apenas algumas piscinas mais profundas.

Aconteceu, certo dia, que um grupo de jovens estava à beira de uma dessas piscinas bem no centro do lago. Era uma bacia rochosa de profundidade considerável. Olhando para dentro, eles viram no fundo alguma coisa que brilhava amarela sob o sol. Um menino entrou e mergulhou até o fundo. Era um prato de ouro coberto de coisas escritas. Eles o levaram até o rei. Num dos lados estavam as seguintes palavras:

“Somente a morte pode salvar.

Junto ao amor, morreu a bravura...

Mesmo sob as águas continua a amar

E esse amor enche a sepultura.”

Bem, isso era enigmático demais para o rei e seus cortesãos. Mas o outro lado do prato explicava um pouco. Dizia o seguinte:

“*Se o lago desaparecesse, seria preciso encontrar o buraco através do qual a água escorreu. Mas seria inútil tentar interrompê-lo de um jeito comum. Só havia um jeito eficaz. Apenas o corpo de*

*um homem vivo poderia estancar o fluxo. O homem deveria se oferecer por vontade própria; e o lago deveria tirar a vida dele ao se encher. De outra forma, a oferta não seria válida. Se a nação não pudesse oferecer um herói, era hora de perecer.*”

# XIII. Aqui estou

Era uma revelação muito desanimadora para o rei — não que ele não estivesse disposto a sacrificar um súdito, mas não tinha esperança de encontrar um homem disposto a se sacrificar. Mas não havia tempo a perder, pois a princesa estava deitada imóvel na cama e sem se alimentar, exceto com água do lago, que atualmente não era das melhores. Portanto, o rei fez o conteúdo do maravilhoso prato de ouro ser publicado em todo o país.

Mas ninguém se apresentou.

O príncipe, tendo feito uma jornada de vários dias pela floresta para se consultar com um eremita que conhecera a caminho de Lagobel, não soube nada do oráculo até retornar.

Quando conheceu todos os detalhes, ele se sentou e pensou:

— Ela vai morrer se eu não fizer isso, e a vida não seria nada para mim sem ela; então não vou perder nada se fizer isso. E a vida será agradável como sempre para ela, que logo vai se esquecer de mim. E haverá muito mais beleza e felicidade no mundo! Para ter certeza, não devo vê-la. — (Nesse momento, o príncipe suspirou.) — O lago será muito agradável ao luar, com aquela gloriosa criatura se divertindo ali como uma deusa selvagem! Mas é difícil ser afogado por centímetros. Deixe-me ver… será necessário um metro e oitenta para eu me afogar. — (Nesse momento, ele tentou rir, mas não conseguiu.) — Quanto mais demorar, melhor, no entanto — continuou —, pois não posso barganhar para a princesa ficar ao meu lado o tempo todo? Assim poderei vê-la mais uma vez, beijá-la, talvez, quem sabe?, e morrer olhando nos olhos dela. Não será uma morte. Pelo menos, não sentirei assim. E ver o lago se enchendo para a belezura de novo! Está bem! Estou pronto.

Ele beijou a bota da princesa, deixou-a de lado e correu até os aposentos do rei. Mas sentindo, enquanto seguia, que qualquer sentimentalismo seria desagradável, resolveu levar o assunto a

cabo com indiferença. E assim ele bateu à porta da sala de contagem do rei, onde era um crime capital incomodá-lo.

Quando ouviu a batida, o rei se levantou num salto e abriu a porta com fúria. Ao ver apenas o engraxate, ele sacou a espada. Esse, sinto informar, era seu jeito habitual de afirmar sua realeza quando achava que sua dignidade estava em perigo. Mas o príncipe não ficou nem um pouco alarmado.

— Por favor, Vossa Majestade, sou seu servo — disse ele.

— Meu servo! Seu crápula mentiroso! O que você quer dizer?

— Quero dizer que serei a rolha de sua grande garrafa.

— O camarada está louco? — vociferou o rei, levantando a ponta da espada.

— Colocarei uma rolha, tampa, como quiser chamar, no seu lago furado, grande monarca — disse o príncipe.

O rei estava com tanta fúria que, antes de conseguir falar, teve tempo para se acalmar e refletir que seria um grande desperdício matar o único homem que estava disposto a ser útil na atual emergência, já que, no fim, o camarada insolente estaria tão morto quanto se tivesse morrido pela mão de Sua Majestade.

— Ah! — disse ele por fim, embainhando a espada com dificuldade, porque era muito comprida. — Eu lhe devo um favor, jovem tolo! Quer uma taça de vinho?

— Não, obrigado — respondeu o príncipe.

— Muito bem — disse o rei. — Quer ver seus pais antes de fazer seu experimento?

— Não, obrigado — disse o príncipe.

— Então vamos procurar o buraco imediatamente — disse Sua Majestade e começou a chamar alguns criados.

— Pare, por favor, Vossa Majestade. Tenho uma condição — interrompeu o príncipe.

— O quê! — exclamou o rei. — Uma condição! E comigo! Como ousa?

— Como quiser — retrucou o príncipe com calma. — Desejo que Vossa Majestade tenha uma ótima manhã.

— Seu desgraçado! Vou colocá-lo num saco e enfiar no buraco.

— Muito bem, Vossa Majestade — respondeu o príncipe, ficando um pouco mais respeitoso, para que a ira do rei não o privasse do prazer de morrer pela princesa. — Mas o que isso vai trazer de bom, Vossa Majestade? Por favor, lembre-se que o oráculo diz que a vítima precisa se oferecer.

— Bem, você se ofereceu — retrucou o rei.

— Sim, com uma condição.

— De novo essa condição! — rugiu o rei, sacando mais uma vez a espada. — Saia daqui! Outra pessoa ficará feliz de tirar essa honra dos seus ombros.

— Vossa Majestade sabe que não será fácil conseguir alguém para assumir meu lugar.

— Bem, e qual é sua condição? — rosnou o rei, sentindo que o príncipe estava certo.

— Só o seguinte: que, como não vou morrer antes de ter me afogado e que a espera será monótona, a princesa, sua filha, fique comigo, me alimente com suas próprias mãos e cuide de mim agora e então para me consolar; pois você deve confessar que É muito difícil. Assim que a água chegar até os meus olhos, ela pode ir embora e ser feliz e se esquecer do seu pobre engraxate.

E nesse momento a voz do príncipe falhou, e ele quase ficou sentimental, apesar de sua resolução.

— Por que não me contou antes qual era a condição? Quanto barulho por nada! — exclamou o rei.

— Você vai me garantir isso? — insistiu o príncipe.

— Claro que sim — respondeu o rei.

— Muito bem. Estou pronto.

— Vá jantar, então, enquanto envio meu pessoal para procurar o lugar.

O rei ordenou que seus guardas saíssem e deu orientações para os oficiais procurarem o buraco no lago imediatamente. E assim o fundo do lago foi marcado em divisões e minuciosamente examinado e, em mais ou menos uma hora, o buraco foi descoberto. Estava no meio de uma pedra, perto do centro do lago, bem na piscina onde o prato de ouro tinha sido encontrado. Era um buraco de três pontas, não muito grande. Havia água ao redor de toda a pedra, mas bem pouca água estava fluindo pelo buraco.

# XIV. É muita gentileza sua

O príncipe foi se vestir para a ocasião, pois estava determinado a morrer como um príncipe.

Quando a princesa ouviu dizer que um homem tinha se oferecido para morrer por ela, ficou tão extasiada que saltou da cama, apesar de estar fraca, e dançou alegre pelo quarto. Ela não se preocupou em saber quem era o homem; isso não importava nem um pouco para ela. O buraco queria ser fechado; e, se somente um homem servia, oras, vamos arrumar um. Em uma ou duas horas, tudo estava pronto. Sua criada a vestiu apressadamente, e ela foi carregada até a lateral do lago. Quando viu o lago, ela soltou um grito agudo e cobriu o rosto com as mãos. Eles a levaram até a pedra onde já tinham posicionado um pequeno barco para ela.

A água não tinha profundidade suficiente para o barco flutuar, mas eles tinham esperança de que isso acontecesse em breve. Eles a colocaram sobre almofadas, encheram o barco com vinhos, frutas e outras coisas gostosas e estenderam uma lona por cima de tudo.

Em poucos minutos, o príncipe apareceu. A princesa o reconheceu de imediato, mas não achou que valia a pena cumprimentá-lo.

— Aqui estou — disse o príncipe. — Podem me colocar lá.

— Disseram-me que era um engraxate — comentou a princesa.

— E sou — disse o príncipe. — Engraxei suas botas três vezes por dia, porque era tudo que eu podia ter de você. Podem me colocar lá.

Os cortesãos não se ofenderam com sua aspereza, apenas disseram uns aos outros que ele estava usando a insolência como forma de descarregar.

Mas como ele seria colocado lá? O prato de ouro não tinha nenhuma instrução sobre isso. O príncipe olhou para o buraco e só viu um jeito. Colocou as pernas ali, sentando-se na pedra, e, dando um passo à frente, cobriu o canto que continuava aberto com as duas mãos. Nessa posição desconfortável, ele resolveu cumprir seu destino e, virando-se para as pessoas, disse:

— Vocês podem ir.

O rei já tinha ido para casa jantar.

— Vocês podem ir — repetiu a princesa, como um papagaio.

As pessoas obedeceram e foram embora.

Naquele momento, uma ondinha subiu pela pedra e molhou um dos joelhos do príncipe. Mas ele não se importou muito. Começou a cantar, e a canção era assim:

“Como um mundo onde o bem já não resta
Arremessado num fosso na floresta;
Como um mundo sem o resplandecer
De um riacho sempre a correr;
Como um mundo onde não há
Toda a vastidão do mar;
Como um mundo sem água e chuva
De planície chamuscada e turva;
Assim, seria o mundo, coração,
Se meu amor não fosse em tua direção.

Como um mundo sem o burburinho
Das correntes de água pelo caminho;

Ou o borbulhar de uma fonte
Na escuridão da noite;
Ou fúria determinada
Da queda de uma cascata;
Ou os pingos a gotejar
Das copas ao luar;
Ou a voz poderosa do oceano,
Quando as ondas se quebram sobre o plano;
Assim, minha alma, o mundo ia ser,
Se nenhum amor cantasse em você.

Moça, mantenha no mundo o prazer;
Mantenha as águas a correr.
O amor me fez forte para ir,
Desbravar reinos por ti,
Onde a água borbulha também
Através de uma escuridão que nunca vem;
Rogo que ao menos uma vaga lembrança
Não me deixe perder a esperança;
De tua alma solitária encontrar
Como um terreno fértil onde o amor pode brotar.”

— Cante outra vez, príncipe. Assim tudo fica menos entediante — disse a princesa.

Mas o príncipe estava arrasado demais para cantar de novo, e uma longa pausa se seguiu.

— Isso é muita gentileza sua, príncipe — disse a princesa por fim, de um jeito meio frio, enquanto se deitava no barco com os olhos fechados.

*É uma pena eu não poder retribuir o elogio*, pensou o príncipe, *mas vale a pena morrer por você, no fim das contas.*

Mais uma ondinha, e outra, e outra fluíram sobre a pedra e molharam os dois joelhos do príncipe; mas ele não falou nem se mexeu. Duas, três, quatro horas se passaram desse jeito, com a princesa aparentemente dormindo, e o príncipe sendo muito paciente. Mas ele estava muito decepcionado com essa posição, por não ter nada do consolo que esperava.

Por fim, não aguentou mais.

— Princesa! — disse ele.

Mas, nesse instante, a princesa deu um salto, gritando:

— Estou flutuando! Estou flutuando!

E o barquinho bateu na pedra.

— Princesa! — repetiu o príncipe, encorajado por vê-la acordada e olhando ansiosa para a água.

— Sim? — disse ela, sem olhar ao redor.

— Seu pai prometeu que você ia olhar para mim, e você não fez isso nem uma vez.

— Ele fez isso? Então acho que preciso olhar. Mas estou tão sonolenta!

— Durma, então, querida, e não se preocupe comigo — disse o pobre príncipe.

— É mesmo? Você é muito bom — respondeu a princesa. — Acho que vou dormir de novo.

— Mas me dê uma taça de vinho e um biscoito antes — disse o príncipe com muita humildade.

— Com todo o meu coração — disse a princesa e ofegou ao dizer isso.

Ela pegou o vinho e o biscoito, no entanto, e, se inclinando sobre a lateral do barco em direção a ele, foi compelida a olhar para ele.

— Mas, príncipe — disse ela —, você não parece estar bem! Tem certeza de que não se importa?

— Nem um pouco — respondeu ele, se sentindo realmente muito fraco. — Só que vou morrer antes de ser útil para você, a menos que eu coma alguma coisa.

— Aqui — disse ela, oferecendo o vinho a ele.

— Ah! Você tem que me alimentar. Não ouso mexer as minhas mãos. A água ia escorrer diretamente.

— Minha nossa! — disse a princesa e começou a alimentá-lo com pedaços de biscoito e goles de vinho.

Enquanto o alimentava, ele conseguia beijar a ponta dos dedos dela de vez em quando. Ela não parecia se importar, de um jeito ou de outro. Mas o príncipe se sentiu melhor.

— Agora, para o seu próprio bem, princesa — disse ele —, não posso deixá-la dormir. Você precisa ficar sentada e olhar para mim, senão eu não vou conseguir aguentar.

— Está bem, vou fazer tudo que puder para agradá-lo — respondeu ela de um jeito condescendente; e, se sentando, olhou para ele e continuou olhando com uma constância maravilhada, pensando em todas as coisas.

O sol baixou e a lua se ergueu e, de jorro em jorro, a água estava subindo pelo corpo do príncipe. Já estava na cintura dele.

— Por que não podemos nadar um pouco? — disse a princesa. — Parece haver água suficiente aqui.

— Nunca mais vou nadar — disse o príncipe.

— Ah, eu me esqueci — disse a princesa e ficou em silêncio.

E a água subiu e subiu e foi cobrindo o príncipe. E a princesa ficou sentada olhando para ele. Ela o alimentava de vez em quando. A noite se arrastava. A água subia e subia. A lua se erguia cada vez mais alta e brilhava cheia no rosto do príncipe moribundo. A água estava no pescoço dele.

— Pode me beijar, princesa? — indagou ele, fraco.

A indiferença tinha desaparecido, a essa altura.

— Vou, sim — respondeu a princesa e lhe deu um beijo frio, doce e prolongado.

— Agora — disse ele, com um suspiro de satisfação — vou morrer feliz.

E não falou mais. A princesa lhe deu um pouco mais de vinho pela última vez: ele não aguentava mais comer. Em seguida, ela se sentou de novo e olhou para ele. A água subia e subia. Chegou ao queixo. Chegou ao lábio inferior. Chegou entre os lábios. Ele os fechou bem para a água não entrar. A princesa começou a se sentir estranha. A água chegou ao lábio superior. Ele respirava pelas narinas. A princesa parecia descontrolada. A água cobriu as narinas. Os olhos pareciam assustados e brilhavam estranhos sob o luar. A cabeça caiu para trás; a água se fechou sobre ela, e as bolhas da última respiração borbulharam na água. A princesa soltou um grito agudo e se jogou no lago.

Ela pegou primeiro uma perna, depois a outra, e puxou com força, mas não conseguiu mover nenhuma. Ela parou para respirar, e isso a fez pensar que ELE não estava conseguindo respirar. Ficou desesperada. Ela o segurou e levantou a cabeça dele sobre a água, o que era possível agora porque as mãos não estavam mais no buraco. Mas não adiantou, porque ele não conseguia mais respirar.

O amor e a água trouxeram de volta toda a força da princesa. Ela foi para baixo da água e puxou e puxou com toda a força, até que, por fim, conseguiu tirar uma perna. A outra saiu com facilidade. Como conseguiu colocá-lo no barco, ela não saberia dizer; mas, depois de fazer isso, ela desmaiou. Ao despertar, pegou os remos, manteve-se o mais firme possível e remou e remou, embora nunca

tivesse remado. Passando por rochas e partes rasas e lama, ela remou até chegar aos degraus do patamar do palácio. Nesse momento, os criados já estavam na margem, pois tinham ouvido o grito agudo. Ela os fez carregar o príncipe até seu quarto e deitá-lo na cama e acender a lareira e mandar chamar os médicos.

— Mas o lago, Vossa Alteza! — disse o camareiro, que, acordado pelo barulho, entrou no quarto usando uma touca de dormir.

— Vá e se afogue nele! — disse ela.

Essa foi a última grosseria da qual a princesa foi culpada; e devemos assumir que havia uma boa causa para ela se sentir provocada pelo lorde camareiro.

Se fosse o rei, ele não teria agido de um jeito melhor. Mas tanto ele quanto a rainha estavam dormindo profundamente. E o camareiro voltou para sua cama. Por algum motivo, os médicos nunca chegaram. E a princesa e sua velha ama-seca foram deixadas com o príncipe. Mas a ama-seca era uma mulher inteligente e sabia o que fazer.

Elas tentaram de tudo por muito tempo, sem sucesso. A princesa estava quase perdida entre a esperança e o medo, mas tentou e tentou uma coisa após a outra, e tudo de novo e de novo.

Por fim, quando elas estavam quase desistindo, assim que o sol nasceu, o príncipe abriu os olhos.

# XV. Olhe para a chuva!

A princesa caiu num choro apaixonado e se jogou no chão. Ali ela ficou deitada por uma hora, e as lágrimas nunca cessavam. Todo o choro contido da vida dela desabou naquele momento. E uma chuva caiu, como nunca tinha sido vista naquele país. O sol brilhava o tempo todo, e os grandes pingos, que caíam direto na terra, brilhavam do mesmo jeito. O palácio estava no centro de um arco-íris. Era uma chuva de rubis, safiras, esmeraldas e topázios. As cachoeiras desciam das montanhas como ouro derretido; e, se não fosse pelo escoadouro subterrâneo, o lago teria transbordado e inundado o país. Ele ficou cheio de margem a margem.

Mas a princesa não deu importância ao lago. Ela ficou no chão e chorou, e a chuva dentro de casa era ainda mais maravilhosa do que a chuva do lado de fora.

Pois, quando a chuva acalmou um pouco e ela começou a se levantar, descobriu, espantada, que não conseguia. Por fim, depois de muitos esforços, ela conseguiu ficar de pé. Mas cambaleou de novo e caiu direto. Ouvindo-a cair, a velha ama-seca soltou um grito de satisfação e correu até ela, berrando:

— Minha querida criança! Ela encontrou a gravidade!

— Ah, é isso! É mesmo? — disse a princesa, massageando o ombro e o joelho alternadamente. — Que desagradável. Sinto como se pudesse ser esmagada.

— Viva! — gritou o príncipe da cama. — Se você se recuperou, princesa, eu também me recuperei. Como está o lago?

— Completamente cheio — respondeu a ama-seca.

— Então estamos todos felizes.

— Estamos mesmo! — respondeu a princesa, soluçando.

E todo o país se alegrou naquele dia chuvoso. Até os bebês se esqueceram de seus problemas e dançaram e arrulharam de um jeito incrível. E o rei contou histórias, e a rainha as escutou. E ele dividiu o dinheiro da sua caixa, e ela dividiu o mel do seu pote entre todas as crianças. E houve tanto júbilo como nunca se ouvira.

Claro que o príncipe e a princesa ficaram imediatamente noivos. Mas a princesa tinha que aprender a andar antes de eles se casarem de um jeito adequado. E isso não era muito fácil na idade dela, pois a princesa sabia andar tanto quanto um bebê. Ela sempre caía e se machucava.

— Essa é a gravidade que vocês valorizam tanto? — disse ela um dia para o príncipe, quando ele a levantava do chão. — De minha parte, eu estava bem mais confortável sem ela.

— Não, não, não é isso. É isto — respondeu o príncipe enquanto a levantava e a carregava como um bebê, beijando-a o tempo todo. — Isto é gravidade.

— Bem melhor — disse ela. — Isso não me incomoda tanto.

E ela deu o sorriso mais doce e mais adorável para o príncipe. E lhe deu um beijo em resposta a todos os dele; e o príncipe achou que estavam muito bem pagos, pois ele estava fora de si de tanta felicidade. Infelizmente ela reclamou da gravidade mais de uma vez depois disso, apesar de tudo.

Demorou muito tempo para ela se entender com o ato de caminhar. Mas a dor de aprender era contrabalançada por duas coisas, e ambas eram consolo suficiente. A primeira era que o próprio príncipe era seu professor; e a segunda era que ela podia cair no lago sempre que quisesse. Mesmo assim, ela preferia que o príncipe caísse com ela; e o borrifo que eles produziam antes não era nada, em comparação ao borrifo que produziam agora.

O lago nunca mais diminuiu. Com o tempo, o teto da caverna desabou, e o lago ficou com o dobro da profundidade de antes.

A única vingança da princesa contra a tia foi tratá-la muito mal por causa do pé com gota na primeira vez que a viu. Mas a

jovem princesa se arrependeu no dia seguinte, quando ouviu dizer que a água tinha minado a casa da tia, fazendo-a desabar durante a noite, enterrando a tia nas ruínas, de onde ninguém jamais se aventurou a desenterrar o corpo. Está lá até hoje.

E assim o príncipe e a princesa viveram e foram felizes; e tiveram coroas de ouro, roupas de tecido, sapatos de couro e filhos e filhas, sendo que nenhum deles, na mais crítica ocasião, perdeu o menor átomo de sua proporção adequada da gravidade.

# Table of Contents


Sumário
A Princesa Leve
- I. O quê? Sem filhos?
- II. Não vou e pronto?
- III. Ela não pode ser nossa
- IV. Onde ela está?
- V. O que pode ser feito?
- VI. Ela ri demais
- VII. Experimente a metafísica
- VIII. Experimente uma gota d’água
- IX. Deixe-me entrar de novo
- X. Olhe para a lua
- XI. Sibilo!
- XII. Onde está o príncipe?
- XIII. Aqui estou
- XIV. É muita gentileza sua
- XV. Olhe para a chuva!